

QUADRILÁTERO FERRÍFERO (MG) E CHAPADA DIAMANTINA (BA), REGIÕES DE MINERAÇÃO NOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX : QUANDO O PATRIMÔNIO GEOLÓGICO E MINEIRO SE COMPLETAM

Marjorie Cseko Nolasco¹; Paulo de Tarso Amorim Castro²

¹ UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA; ² CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DO QUADRILÁTERO FERRÍFERO - DEGEO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

RESUMO: A penetração de europeus e seus descendentes no interior do continente americano se deu motivada principalmente pela busca de riquezas minerais. O esforço português do século XVI de conquistar riquezas minerais teve sucesso com as investidas a esmo dos bandeirantes pelos sertões do Brasil centro-oriental. Boa parte do ouro produzido no Brasil colonial e imperial proveio da região atualmente conhecida como Quadrilátero Ferrífero (QF), no centro-sudeste de Minas Gerais. Esta entrada é continuada quando, em 1729, viajantes portugueses vindos da Índia, identificam a presença de diamantes em Serro Frio (MG) e a Coroa Portuguesa proíbe a garimpagem fora das áreas de Minas Gerais. Outra onda de interiorização da população se deu em meados do século XIX com a “descoberta” ou permissão real para exploração de diamantes em todo o Brasil, ocorrendo nova corrida na Chapada Diamantina (CD), região central da Bahia. Em ambas as regiões os métodos de extração do ouro e diamante deixaram registros na paisagem, modificando-a intensamente em alguns locais. Nestas regiões há um grande conjunto de escavações, túneis e poços que têm sido explorados como locais de visitação e registram as formas de retirada de minérios (ouro e diamantes), a capacidade de exploração da época, as modificações ambientais ocorridas, mas também expõem cortes e afloramentos, ou superfícies rochosas. Nestas regiões estão as mais importantes cidades históricas mineiras do Brasil e que constituem um rico patrimônio mineiro, cultural e arqueológico. As modificações causadas pelas atividades dos garimpeiros e faiscadores fizeram aflorar ou tornaram acessíveis aspectos geológicos que de outro modo não poderiam estar expostos. Estas exposições, em alguns casos, são hoje pontos de entendimento da geologia destas regiões, áreas de prática didática na compreensão de diversos fenômenos geológicos, especialmente pré-cambrianos por diversas universidades e centros de pesquisa. Esta associação aponta, neste caso a importância de relacionar - nos estudos sobre o patrimônio geológico - o patrimônio mineiro, na maioria dos casos complementares. São incontáveis os exemplos destas relações entre atividade mineira e a descortinação de sítios de interesse geológico. No QF os exemplos são vários: destacam-se as exposições de rochas proterozóicas do Parque das Mangabeiras, antiga mina de ferro, as rochas auríferas das minas de Passagem e do Chico Rei, as ocorrências de topázio do Capão do Lana, os diamictitos da mina de Cata Preta e as exposições de rochas cenozóicas do Gandarela e de Fonseca. Na CD outros afloramentos podem ser listados, entre eles os paredões de afloramentos do glacial na entrada de Palmeiras, o paredão do “mar” Caboclo ou a sua “praia” na entrada de Lençóis. Outro monumento geológico exposto pelo garimpo é a “duna” do deserto Tombador, hoje nas margens do Rio Lençóis; o conglomerado oligomítico do local conhecido como Serrano, devido a ação de garimpeiros advindos de Serro Frio MG; ou os paredões do Morro do Pai Inácio.

PALAVRAS-CHAVE: GEODIVERSIDADE; PATRIMÔNIO; HISTÓRIA DA MINERAÇÃO.